

A problemática da sociologia do saber

Evaristo de Moraes Filho

Revista Idea, setembro de 1937.

É uma sociologia nova. Não tem vinte anos. Menor, portanto, pelo nosso Código Civil. Sua certidão de idade anda em todos os livros sobre o assunto. É uma sociologia recente, ainda em formação. Envolve-a um certo véu de metafísica. É uma sociologia que mais procura colocar os problemas do que solucioná-los. Seus fundadores foram antes filósofos, metafísicos, moralistas, para depois fazerem sociologia. São grandes filósofos: a sociologia é uma parte de seus sistemas.

Nome ela já tem: sociologia do conhecimento ou do saber (*Soziologie des Wissens*). Já se encontra registrada no grande *Handwoerterbuch der Soziologie* de A. Vierkandt, saído em 1931. Encontram-se aí dois ensaios referentes à nossa matéria: um sobre a sociologia da cultura (*Kultursoziologie*), orientação de A. Weber; outro sobre a sociologia do saber (*Wissenssoziologie*), orientação de K. Mannheim. Há diferença entre as duas escolas. Isso veremos adiante.

Depois de conhecida e apresentada, passemos à definição. Em geral os discípulos são mais claros acolhedores do que os mestres. Aproximam-se mais de nós. Também leram os seus mestres e perceberam as nossas dificuldades. Já não trazem em si aquela confusão que caracteriza os fundadores de escola. São mais compreensivos, mais explicativos. Mais humanos. Relacionam, acomodam, aplicam, interpretam e divulgam. E por isso vamos nos aproveitar da definição de sociologia do saber dada por P. Landsberg, um aplicador da doutrina: "A sociologia do conhecimento estuda a obtenção do conhecimento enquanto a realizam coletivamente varias pessoas, e sua transmissão de homem a homem. Investiga, em primeiro lugar, as formas de cooperação em que podem se unir os homens para o fim de conhecer a verdade, e, demais, as formas em que se transmitem os conhecimentos".¹ Este livro apareceu na Alemanha em 1926 e deveria ter sido incluído na obra coletiva (*Sammelwerk*) da escola de sociologia do saber, dirigida e prefaciada por Max Scheler, editada no ano anterior. Este último - o criador da mais conhecida direção da sociologia do saber e mesmo quem tentou dar-lhe toda uma sistemática - assim a definiu: "A sociologia do saber procura introduzir uma unidade sistemática em uma rapsódia, em um conjunto desordenado de problemas efetivos, em parte já plenamente interpretados pela ciência, mas em parte só abordados pela metade ou só suspeitados, como são os problemas que coloca o fato fundamental da natureza social de todo saber, de toda conservação e transmissão do saber, de toda ampliação e promoção melódica do saber".² Eis sua definição. Seu objetivo é estudar o condicionamento social do saber.³ É explicar a formação e o desenvolvimento das idéias pela realidade social, e não por uma simples dialética imanente. Porque todo o conhecimento é um produto social. Nasce do grupo. Surge da forma da sociedade. Todo o saber talvez dissessem os gestaltistas, individual, intrínseca. Tudo que diz respeito ao saber interessa à sociologia do saber. A origem e a validade do saber, seu estudo genético-evolutivo e psicológico-evolutivo, desde o animal até ao homem, desde a criança até ao adulto, desde o primitivo até ao civilizado, desde um até

¹ P. L. Landsberg. La Academia Platónica — 1926 — pág. 13.

² M. Scheler. Sociologia del saber- — Madrid — 1935 — pág. 3.

³ Uma ótima frase neste sentido é a que escreveu A. Sorel: "Jene coïmais pás, dans le monde réel, de raisonneu pur. Kant, Hegel, eussenti ls été ce qu'ils sont en dehors de l'Allemagne et de l'Allemagne de leur teinps? Et Platon sans Athènes et Rousseau sans Genevè".

outro estágio dentro das culturas em maturidade. A sociologia do saber compreende a teoria do conhecimento, a lógica, a psicologia evolutiva, a história positiva de todas as formas do saber, a sociologia da religião, da arte, do direito, dos grupos étnicos, da política, da economia e mesmo das "instituições". Seu campo é tão amplo como o do saber humano realizado em sociedade. E todo ele o é. Todo o pensamento e toda a linguagem só são possíveis em sociedade. Mas não basta dizer isso. Porque até aí morreu o Neves. A sociologia do saber interpreta, porém, todo o conhecimento como fenômeno social, redutível a funções da vida em comum. Isto é, não somente parcial, mas total e *essencialmente* social, como consequência da vida em sociedade. É indubitável o "caráter *sociológico* de todo o saber, de todas as formas de pensar, intuir e conhecer; que estão sempre condicionadas necessária e também sociologicamente pela estrutura da sociedade".⁴.

Na tríplice divisão da sociologia alemã apresentada por von Wiese⁵ — talvez o maior sociólogo sistemático dos nossos dias e criador da *Beziehungslehre* — em 1º) sociologia histórica e filosófico-histórica — 2º) sociologia das ciências do espírito (metafísica e epistemológica) — 3º) sociologia empírico-sistemática, a sociologia do conhecimento ocupa toda a segunda divisão. Os seus mestres são Karl Mannheim e Max Scheler. A doutrina histórica da sociedade é em sua essência o que hoje se denomina sociologia da cultura, e seu representante é Alfred Weber.⁶ O maior pensador da orientação histórico-filosófica é Hans Freyer. A sociologia sistemática é cultivada em sua mais forte expressão por Johann Plenge e Leopold von Wiese.

Pela classificação acima resumida já fica apresentada a diferenciação entre sociologia da cultura e sociologia do saber. A sociologia da cultura é uma história da cultura interpretada à luz dos problemas do presente. A intenção de Weber é dar caráter histórico à sociologia como ciência concreta da realidade, junto à doutrina formal da sociedade de Simmel. O seu método é extraordinariamente fecundo e descansa nas diferentes formas em que se movem a sociedade, a civilização e a cultura. Surgem pois daí três processos histórico-sociológicos: o processo social, o processo da civilização e o processo da cultura.⁷ O *processo social* não é contínuo, salta de um corpo histórico a outro. Contudo, desenvolvem-se entre os diversos corpos históricos, princípios gerais e sociais de evolução. Pode-se traçar um esquema de evolução. O *processo da civilização* aparece por acumulação de resultados, expedientes, técnicas, que não estão ligados à cultura e a história e é, portanto, o âmbito onde propriamente se verifica um progresso retilíneo ascensional e um processo universal através da história inteira da humanidade. O *processo da cultura* surge da história na alma do corpo histórico, como símbolos e valores intransferíveis. Aqui surge todo um mundo concluído, por criação, que possui leis espirituais próprias, com caráter religioso, utópico e até mesmo uma concepção do mundo.

A sociologia da cultura se propôs investigar o encadeamento dessas formas de movimento, a relação dinâmica dos três processos entre si e suas leis. Para isto Weber colocou como ponto de partida a distinção irreduzível entre cultura e civilização. Ele oferece a ciência e a religião como exemplos típicos destes dois processos sociais. Na primeira (cultura) dá-se uma verdadeira *criação* de valores vitais, ao passo que na segunda o que ocorre é uma *descoberta*. Os fenômenos da ciência já existiam, só faltava o homem descobrir suas leis. Os fatos da civilização são universais e transmissíveis. As decadências permanentes das civilizações serão

⁴ M. Scheler - op. cit. — pág. 54.

⁵ L. von Wiese - System der Allgemeinen Soziologie — München und Leipzig — 1933 — pág.46.

⁶ Aliás, o título de sua principal obra é: *Kulturgeschichte als Kultursociologie* (História da cultura como sociologia da cultura) — Berlin - 1935.

⁷ Aloys Dempf - Filosofia de la cultura — 1933 — pág. 60.

impossíveis, enquanto existir um grupo de homens que entendam os métodos da ciência física e sejam peritos no seu emprego (Dewey). Os fatos da cultura são intransferíveis, únicos, ligados a suportes reais e incapazes de uma validade universal. No processo cultural há bruscos elans de produção aos quais sucede declínios, sem regularidade nem lei: fases de grandeza e fases de silêncio. Irregulares, caprichosas, inapreensíveis. No processo civilizador há, ao contrário, um progresso ininterrupto e cada vez mais amplo. É o homem de Pascal "que subsiste sempre e que aprende continuamente".

Mas o processo cultural não é independente e autônomo. Não é geração espontânea. Não! Também entre ele e a sociedade, e a própria civilização - daí a confusão dos sociólogos, segundo A. Weber - há relações de ideal para o real. As duas se envolvem e se interpenetram.⁸ Os valores culturais não surgem no ar como que caídos do céu. Podem chegar ao céu, mais partindo da terra. Há momentos na história, diz A. Weber, de síntese e de felicidade nos quais a alma se reconhece no mundo em que vive. Outras vezes, ela desespera, sonha, revolta-se, delira, foge deste mundo para regiões intranscendentes. Outras vezes ainda, limita-se a si mesma e exprime-se em obras de arte.

Na sua revolta contra uma ordem imposta, ela é suscetível de influenciar de modo eficaz o vir-a-ser social. Aliás, todo o processo cultural se forma da civilização e do corpo social que o condicionam. Para A. Weber, porém, é-nos impossível prever alguma coisa nesse terreno.

Não podemos racionalizar esse fenômeno. Porque a ação da sociedade sobre a cultura é muito variável, e muito imprevisíveis as criações da alma. De modo que a cultura pode ter mais de um ritmo de evolução. O sociólogo, conclui A. Weber, só poderá mostrar a relação da sociedade e da cultura. Não poderá ir além.

Toda a sociologia de A. Weber prende-se aos filósofos alemães do XIX^o século. Vem de Kant e de Hegel. Aproveita suas noções de valores culturais, contra os naturais; e usa a concepção das culturas fechadas de Hegel. No século atual, A. Weber está entre Rickert e Spengler. Coloca-se junto deles para ultrapassá-los. Vai adiante e conclui numa obra bem mais científica e apolítica. Bem mais honesta e sociológica. Von Wiese dá a diferença entre os dois.⁹ O que A. Weber quer mostrar é o seguinte: que na história, ao lado do processo civilizador, que progride sempre, há o processo cultural que surge, vive e desaparece como valores próprios e mais ou menos autônomos, sem que o homem possa criar uma técnica para o seu domínio. Daí ser toda teologia um contra-senso. Não há ciência da religião. Porque a ciência é uma só, e ao aplicá-la à religião esta deixará imediatamente de existir, para se tornar uma teoria do conhecimento religioso.

A sociologia do conhecimento (de K. Mannheim) já é outra coisa. Para von Wiese, "ele procura fazer compreensíveis às ideologias e as utopias que dominaram o espírito das diferentes épocas, explicando-as por meio das condições sociais, e apresentando as ideologias como reflexos de estruturas sociais, por exemplo, da

⁸ É também o que diz Mannheim em *El hombre y la sociedad en la época de crisis* — Madrid — 1926, pág. 90: "La vida de la sociedad está siempre presente en la Cultura, incluso cuando actua imperceptiblemente, y es plantear mal ya la cuestión separar Cultura y Sociedad y hacerlos actuar la una sobre la otra de un modo exterior. La sociedad está involucrada en la Cultura misma y la conforma en cada instante".

⁹ L. von Wiese - op. cit. - págs. 72-73: "É certo que Weber diferentemente de Spengler não dissolve a história da humanidade em meras culturas independentes. Também com ele, isto é, Weber, as grandes culturas (egípcia, babilônica, índica e ocidental) estão no primeiro plano. Analisá-las é para ele, uma obra especialmente importante. Mas só aparecem independentes em parte, porque por outra parte estão ligadas por um desenvolvimento comum".

divisão de classes em cada época".¹⁰ Não se confunde com a sociologia da cultura anteriormente descrita, embora seus problemas se aproximem bastante.¹¹ Ele pressupõe a evocação das ordens social e vital efetivas da humanidade somente como meio para a compreensão do desenvolvimento espiritual. Mannheim apresenta três direções possíveis na sua síntese sociológica: 1) as análises concretas da ligação do pensamento ao real; 2) a pesquisa dos critérios que no interior da esfera da ideologia permitem distinguir os valores sem se servir da noção do verdade; 3) o desenvolvimento de uma nova teoria do conhecimento que leve em conta os resultados da sociologia do saber. Mannheim denominou a sua escola de perspectivismo,¹² isto é, as ideologias, sejam de que classe for, são perspectivas, são relações. Ele utiliza o conceito *total e geral* de ideologia. Em sua doutrina a própria estrutura de pensamento, e não somente o conteúdo dos resultados, é relacionada ao plano social, consideraria como a expressão da realidade histórica e, de outro lado, nenhuma idéia de qualquer campo escapa a esta redução: todas são funções do real.¹³ Esta determinação das idéias pelo exterior não é indiferente à sua validade. Pelo contrario, é significativa: pois que cada grupo colocado em uma certa situação histórica tem sua maneira de pensar o mundo. Dai resultará que há tantas perspectivas como pontos de vista, tantas verdades parciais como classes.

Outro grande investigador neste sentido e fundador de uma escola na sociologia do saber é Max Scheler. Ele se colocou entre A. Weber e K. Mannheim. A sociologia do saber é um ramo — o mais importante — da sua sociologia cultural. Ele divide os seus estudos de sociologia em sociologia cultural e sociologia real. Para Scheler, sociologia cultural é o mesmo que *superestrutura* e sociologia real o mesmo que *infraestrutura* do conteúdo total da vida humana. "É certamente uma divisão que estabelece dois pólos extremos, diz ele, mas em cuja esfera há, sem dúvida, uma multidão de transições intermediárias... Mas sem a distinção enunciada entre sociologia cultural e sociologia real não se pode resolver o problema do condicionamento social do saber".¹⁴ Daí para adiante toda sua sociologia gira em torno das correlações, condicionamentos, interdependência dos fatores reais e dos espirituais. É o que -ele chama a *lei da ordem na atuação dos fatores ideais e reais* "da qual se infere o todo indiviso do conteúdo da vida dos grupos em cada momento do curso sucessivo histórico-temporal dos processos da vida humana social".

Todos que me lêem já devem estar associando esses problemas — classes... ideologias... infraestrutura... condicionamento social do saber... — à sociologia de um conhecidíssimo senhor barbaças que viveu no século passado, não é? É isso mesmo! Foi aquele judeu alemão, o Marx do materialismo histórico — pensar nisto hoje é cometer um "pecado leigo", como já disse alguém que me é muito caro — que primeiro colocou essas questões - como sistema - e nunca mais as abandonou. Elas

¹⁰ L. von Wiese — Sociologia (Historia y principales problemas) - 1932 - pág. 134.

¹¹ L. von Wiese — System... - pág. 73: "O sistema do Mannheim diferencia-se do de Weber pelo reconhecimento muito extenso do conteúdo próprio dos fenômenos espirituais-psicológicos, isto é, por um afastamento mais acentuado do sociologismo".

¹² Raymond Aron — La sociologie allemande contemporaine - 1935 — pág. 81.

¹³ K. Mannheim - op. cit. - págs. 135-130: "Para entender por entero la peculiaridad de esta actitud tomemos que convenir e a que el pensamiento no es un *factum* independiente, apoyado en si mismo, aprehensible en abstracto. Forma y contenido del pensamiento se transforman, por el contrario, según la situación y la función en que para que se fiensa. No es que el pensamiento cree el mundo, es que en un mundo .configurado de cierta numera una cierta especie de pensamiento resulta un órgano adecuado, o inadecuado, o transformandose en el sentido de una mejor adecuación. No hay un "pensamiento en general", sino que un sea viviente, dispuesto de cierta manera, piensa en un mundo articulado de cierto modo para cumplir un i cierta función vital". **Xista do que ele!...**

¹⁴ M. Scheler - op. cit. págs. 0-7.

constituem todo o motivo da sua obra. Todos os autores que tratam da sociologia do conhecimento, e seus próprios criadores como doutrina autônoma, confessam suas origens comuns em Marx. Todos colocam o marxismo como sociologia do conhecimento. Os problemas e as discussões da sociologia do saber tiveram seu ponto crítico em Marx. Uns concordam com a sua solução, como Max Adler, o mais notável dos austro-marxistas. Outros procuram responder pelo avesso aos problemas de Marx, como Max Scheler. E uns terceiros tentam conciliar as duas correntes, como Karl Mannheim.

Max Adler (*Lehrbuch der materialistischen Geschichtsauffassung — T.1 — II — Berlim 1930/32*) opõe, em vez de economia burguesa e economia proletária, o conceito de uma ciência evolucionista, dinâmica e uma ciência conservadora, estacionária. São duas maneiras de pensar o real, que utilizam categorias diferentes - e nisto Scheler está de acordo com ele¹⁵ —; uma incapaz de passar o horizonte da sociedade atual, outra que mostra o futuro inevitável. Se uma pode ser dita proletária e a outra burguesa, é que há afinidade psicológica de classe e estes dois tipos de conceber o mundo. É que há *função* entre uma certa teoria, de um lado; e uma certa prática, do outro. A uma concepção teórica corresponde uma atitude tímida, pessimista, defensiva, conservadora; a outra corresponde uma atitude resoluta, otimista, ofensiva, progressista. Também sociólogos marxistas do saber são Lukács (*Geschichte und Klassenbewusstsein — Berlim — 1923*) e Bogdanow (*Die Entwicklungsformen der Gesellschaft und die Wissenschaft — Berlim -1924*). Eles não derivam diretamente das idéias das relações de produção. E nisto estão de acordo com Adler. Lukács acha por exemplo, que a situação social nas diversas produções de uma classe ou de uma época é que determina sua visão do mundo, seu estilo de vida. Bogdanow¹⁶ vai além e chega mesmo a perceber uma correspondência estrutural entre as técnicas e as categorias do nosso entendimento, consideradas como reprodução, cópia das formas de trabalho.

Max Scheler é o representante burguês — dizem as classificações da sociologia do saber. Max Scheler protestou. Ele diz somente separar-se de Karl Marx quando acha que as ideologias são sistemas de preconceitos, ídolos dos grupos sociais, e que portanto cada indivíduo pode se desembaraçar dos preconceitos da sua classe e atingir a verdade.¹⁷ Isto foi dito, aliás, pelo próprio Marx e por Adler — como o reconhece Scheler com respeito a este último. Scheler quer mostrar que ele se coloca em um plano superior a classes, a ídolos, a preconceitos. Até aqui todos estão de acordo. Resta saber, porém, se deixando de pensar com uma classe, não se começa a pensar necessariamente com outra, se a sua nova concepção não pode ser interpretada como características ideológicas de uma outra classe. Os estudos mais interessantes de Scheler na sociologia do saber são mesmo sobre as inclinações inconscientes que vêm condicionadas pela classe, e das leis formais pelas quais se constituem os preconceitos. Ele próprio fez um ensaio sobre os contrastes do pensamento da classe alta e da classe baixa.¹⁸ Ele vê nas classes, verdadeiras condições e determinantes do saber social: "Mas por outro lado é um fato comprovável com segurança que a classe determina em grande parte *tanto o ethos como o modo de pensar*, e não somente o objeto e conteúdo do pensar e

¹⁵ M. Scheler - op cit. pág. 102

¹⁶ Sobre a sua filosofia em geral, pode-se ver N. Bierdiaeff - Problemes du communisme - Paris -1936 – págs. 105, 109, 113, 129 à 132.

¹⁷ M. Scheler - op. cit. pág. 102. Nessa página e nas seguintes. M. Scheler discute suas relações com Adler e demais marxistas.

¹⁸ M. Scheler - op. cit. - pág. 194. Desde a pág. 178 à 211.

conhecer".¹⁹ . Não há classe sem consciência de classe, diz ele à pág. 47 da obra que venho citando. Ele nega somente esse relativismo absoluto de Marx e Mannheim: "pois que todo indivíduo pode em princípio superar a limitação de sua classe".

A terceira direção da sociologia do saber, e que procura conciliar as duas anteriores, é a de Karl Mannheim. Ele se dirigiu diretamente contra Scheler — este mesmo um pensador de classe, junto com Sombart e Spengler, como os classifica Max Adler — e criou sua doutrina: um marxismo relativista. Ele refuta toda a metafísica de Scheler, todo o seu transcendentalismo, suas essências, e afirma a unidade fundamental do homem, do espírito, do ser e da consciência, com a sociedade.²⁰ . Quanto às relações da classe com o saber, Mannheim é menos radical do que Max Adler. Para ele, outros grupos, sem ser as classes, podem ter uma experiência própria de vida e por conseguinte exprimir-se em um sistema original.²¹ É uma sociologia do conhecimento. O saber está condicionado pelos grupos sociais, mas não é uma mera sociologia de classe. E quanto às relações das ideologias com a situação social podem ser indiretas, isto é, pode-se adotar uma idéia, não só por interesses mas também pela solidariedade desta idéia com a ideologia diretamente útil ou com o estilo de vida do grupo. Uma Maria vai com as outras...

São essas as três grandes orientações da sociologia do saber. Todas três se reportam diretamente ao marxismo. Ou para levá-lo adiante, ou para combatê-lo. Suas problemáticas são as mesmas; só as soluções divergem. Por isso, diz von Wiese: "Esta sociologia do conhecimento foi iniciada e preparada pelo marxismo; o critério do materialismo histórico nos acostumou à contemplação conjunta da ordem social e do mundo da idéias".²² Logo no início da sua *Sociologia do saber*, Max Scheler coloca como ponto básico da sua doutrina, e aceita em princípio, um dos aforismos prediletos de Karl Marx: "Mais ainda; em último termo, é para nós perfeitamente válido o princípio de Carlos Marx, segundo o qual é pelo ser do homem (mas não só pelo seu ser econômico, 'material', como Marx entende este princípio) que se regem toda a possível 'consciência' e 'saber' no homem, que se determinam os limites do que compreende e vive". A obra inteira de Scheler é uma discussão de Marx. O marxismo, quando não dá soluções acabadas ou aceitas, oferece pelo menos os problemas; que para Radbruch representam mais do que as soluções. Toda a sociologia moderna da Alemanha prende-se ao marxismo. Toda sociologia do saber pode se basear naquela frase de Karl Marx, à pág. V do célebre prefácio à *Critique de l'économie politique*: "Não é consciência do homem que determina sua existência, mas sua existência social que determina sua consciência".

Vamos à problemática da sociologia do saber em M. Scheler. O primeiro e o mais importante dos problemas da sociologia do saber é o da relação da estrutura do conhecimento com a forma da unidade social dada.²³ Importa estabelecer as leis e as relações necessárias entre todas as formas do saber e a sociedade. Mas não só com respeito à forma²⁴ , porque as "formas do conhecimento coletivo e sua transmissão estão sempre em conexão com os conteúdos que se conhecem ou se transmitem", é outro princípio da sociologia do saber. Trate-se da analogia essencial descritiva entre o todo social e o conhecimento. É — em política — a velha lei de

¹⁹ M. Scheler - op. cit. - pág. 193.

²⁰ K. Mannheim - op. cit.- pág. 218 - nota: "El punto de partida de la "sociologia del saber" es la "vinculación al ser", la "vinculación a la situación" del pensamiento, y no un pensamiento en general" .

²¹ R. Aroun - op. cit. - pág. 84. K. Mannheim - op. cit. - pág. 211.

²² L. von Wiese - Sociologia... - pág. 134.

²³ G. Gurvitch - Las tendencias actuales de la filosofía alemana - 1931 – págs. 18 e segs.

²⁴ P. L. Landsberg - op cit. - pág. 15.

Karl Marx de que as idéias dominantes numa época são as idéias da classe dominante. Dempf a enuncia do seguinte modo: "As concepções públicas da cultura dependem da oposição entre as potências vitais em cada época".²⁵

Outro problema da sociologia do conhecimento é o da variabilidade da "concepção natural do mundo", cuja estabilidade é um dos preconceitos mais repetidos nas diferentes escolas filosóficas. Esta "concepção natural do mundo" varia do Oriente ao Ocidente, de cultura a cultura, de época a época histórica. Às vezes, de grupo a grupo social. Um grupo social religioso não terá a mesma concepção do mundo que um grupo social econômico. Os processos adaptativos são diversos assim à adaptação social correspondente. Fundam-se em categorias diferentes.²⁶

Finalmente, entre os problemas mais gerais da sociologia do conhecimento acha-se o da gênese sociológica e psicológica do saber. Daí as três séries de sociologias: a) sociologia das religiões; b) sociologia da metafísica; c) sociologia da ciência positiva e da tecnologia. Completando estas três sociologias, Scheler acrescenta ainda as descrições das analogias de estrutura entre o desenvolvimento do conhecimento e a evolução das formas político-econômicas, e ainda a observação dos ídolos produzidos pela lógica das classes sociais.²⁷

Para K. Mannheim (*Ideologie und Utopie — Bonn — 1929*) toda a problemática do marxismo resume-se em três questões: a ideologia é um fenômeno geral? É um fenômeno total? Implica um juízo de valor? Daí parte Mannheim para a sua problemática, que também é a do marxismo. Estas três questões prendem-se à filosofia da história e à sociologia. Como concebemos a realidade social através das nossas idéias? Essa realidade social é material ou espiritual, vir-a-ser do espírito ou dialética econômica? A este problema prende-se a representação que se faça da evolução das classes, por conseguinte da relação das ideologias com os homens que as pensam, logo de "um determinismo psicológico ou de uma relação comparável à da obra e do seu criador, efeito mecanicamente determinado duma relação de produção ou exercício de uma época, de uma classe, de um tipo de homem?".

É este, em resumo, a problemática de toda a sociologia do conhecimento. Todo o conhecimento, toda a concepção do mundo e da vida, é um produto social. Concepção do tempo, do espaço, da energia, da matéria, da duração, tudo que o homem possa -pensar vem da sociedade. Sociologia do conhecimento em vez de teoria do conhecimento. Vida afetiva, caráter, conduta, pensamento lógico, tudo se origina e se desenvolve na sociedade. Ninguém mais pode separar o que é seu - e lemos alguma coisa? - e o que é da sociedade. É o que já dizia Lazarus em 1860: "É somente no seio da sociedade, na participação da vida coletiva, que se forma a mentalidade dos indivíduos; logicamente, cronologicamente, a sociedade é anterior ao indivíduo". Bastian ia além. E dizia, "a sociedade pensa em mim", em lugar de "eu penso". Mas isto já é outra história, como talvez dissesse Kipling. Não me interessa contá-la, porque o Sr. Arthur Ramos já a contou muito bem.²⁸ E eu não a contaria melhor...

Leitor, tu e eu já estamos cansados de tanta conversa fiada. Tu não sabes -porque estás lendo tudo isso, e eu ainda menos porque escrevi essa porção de coisas inúteis. O mundo continuará o mesmo. Ou mais ignorante, ou menos ignorante. Pouco importa. E eu e tu, igualmente. Estamos -perdendo o nosso tempo. Vamos, pois, ao fim: a sociologia do conhecimento coloca mais problemas do que os resolve. É antes uma

²⁵ A. Dempf - op. cit. - pág. 56.

²⁶ M. Scheler - op. cit. - págs. 37-63.

²⁷ M. Scheler - op. cit. - págs. 178 e segs.

²⁸ Arthur Ramos - Introdução à Psicologia Social - Rio - 1930 - págs. 15-10 - 250 e segs.

sociologia relativista, no sentido da filosofia de Radbruch. Oferece os problemas e indica direções capazes de solucioná-los. Formula e ordena os problemas. E aquele mesmo senhor barbaças - lembra-te dele? - do século passado disse essa coisa: "A humanidade só coloca os enigmas que ela possa resolver; porque, melhor considerando as coisas, perceber-se-á que o enigma só é proposto quando já existem as condições materiais de sua solução ou -pelo menos se acham em vias de formação". Desde que se possa por o problema, é possível a resposta. E esta depende das classes, como bem sabem os que tiveram fôlego e ousadia para chegar até esta reticência...